Uma crítica ao vanguardismo. Entrevista de Henri Simon com Anti-mythes, desde a separação com Socialisme ou Barbarie até o rompimento com Informations et Correspondance Ouvrières

Henri Simon

Link: https://archivesautonomies.org/spip.php?article1299
https://www.echangesetmouvement.fr/2016/03/une-critique-de-lavant-gardisme-entretien-dhenri-simon-avec-lanti-mythes-de-la-scission-avec-socialisme-ou-barbarie-a-la-rupture-avec-informations-et-correspondance-ouvri/

A última edição (de L'Anti-mythes), que precedeu a dissolução da APL (Agence de Presse Libération) Basse-Normandie, continha a transcrição de uma entrevista com Cornélius Castoriadis, o que permitiu a este último oferecer uma abordagem da história do grupo *Socialisme ou Barbarie* e esclarecer a republicação (na coleção 10-18) de uma série de artigos que antes eram praticamente impossíveis de encontrar.

Durante essa entrevista, Henri Simon foi explicitamente questionado, suas posições foram evocadas e discutidas. Ele queria esclarecer e discutir as avaliações feitas por Castoriadis. Essa foi a origem de uma entrevista gravada pelos membros da Anti-mythes (que haviam participado da entrevista com Castoriadis no contexto da APL) em 7 de setembro de 1974.

Referindo-se ao *Socialisme ou Barbarie*, à cisão que levou à criação da ICO (Informations et Correspondance Ouvrières) e ao seu rompimento com a ICO em 1973, Henri Simon examina as condições e o significado da militância hoje.

É necessário deixar claro que esta entrevista não se trata de definir uma "orientação" para os antimitos, mas apenas um relato de uma experiência?

Henri Simon revisou o texto da fita antes da publicação.

Pergunta: Como se deu a separação da S ou B (*Socialisme ou Barbarie*) em 1958? O que era a ICO (*Information et Correspondance ouvrière*)?

Henri Simon: A divisão é um problema histórico interessante na medida em que pode levantar problemas teóricos, quando vista no contexto das discussões que se seguiram...

Quando você esteve em um grupo, você o vivenciou entre homens, em conflitos pessoais, ou melhor, conflitos que eram personalizados, e com Castoriadis eles eram inevitavelmente personalizados. Ele é um personagem com uma certa presença: quando estava em um grupo, ele tinha uma tendência dominadora, pelo menos naquela época. E ainda sinto os conflitos; admito livremente que, quando falo sobre o passado de S ou B, tenho a tendência de não ser objetivo, de manter uma certa desconfiança porque vivenciei muitos eventos específicos que nos tornaram desconfiados... não eu especialmente! E a evolução de Castoriadis - porque de fato houve evolução, e bastante, e não apenas em termos de sua crítica ao marxismo, mas também em termos de suas concepções de organização - não pode me impedir de continuar desconfiado, sem qualquer justificativa que não seja muito subjetiva. Há coisas que você sempre sente, e isso é inevitável em um grupo, depois de confrontos bastante violentos, com um certo lirismo no mais belo estilo das cisões tradicionais. A separação do S or B deve ser vista no contexto de maio e junho de 58. Tudo estava se juntando, tudo estava surgindo de repente no grupo.

O grupo em 56-57 consistia em uma dúzia de indivíduos, um punhado. Castoriadis diz isso em seus textos: o público era excessivamente limitado (além disso, os números que ele dá estão um pouco acima da realidade, sua tendência é sempre ser muito, muito otimista). Em quase todas as reuniões havia dois problemas:

- Onde posso encontrar o dinheiro?
- Onde o estoque não vendido deve ser armazenado?

58 é o surgimento repentino de eventos e da realidade em um pequeno grupo onde todas as discussões eram teóricas e onde, no final, as diferenças de opinião podiam coexistir perfeitamente bem sem causar um confronto, porque no final não havia motivo para brigar por isso. Elas continuavam sendo discussões teóricas, puramente acadêmicas. Assim que se tornava uma discussão concreta, as coisas esquentavam, de fato, em ambos os lados. Em momentos como esse, em cisões ou conflitos desse tipo,

você sempre acredita que as pessoas com quem você está têm as mesmas posições que você, porque as discussões ocorrem em um ponto preciso e deixam um monte de outros pontos na sombra: é isso que explica por que, tanto do lado da S ou B quanto do lado da ICO, depois de 58, houve novas divisões em pontos que, no final, eram pelo menos tão fundamentais quanto o motivo pelo qual nos separamos em 58.

Por outro lado, nesses momentos, você vai muito além do que realmente pensa, acaba fazendo, dizendo e escrevendo coisas que talvez vão além do que você quer; você é pego por uma certa paixão pelo absoluto, que depois desaparece; há toda uma violência que varre um grupo e tende a distorcer e desumanizar as posições das pessoas.

Não entrei no S ou no B desde o início. Não entrei em uma organização pela estrada real da opção política durante minha adolescência. Não vim por meio do trotskismo ou do PCF. A S ou B foi meu primeiro grupo e entrei por meio de ativismo de caixa, ou seja, treinamento prático. Comecei com minha experiência pessoal e com as lutas dentro da CGT. Comecei a trabalhar em 45. Naquela época, eu não tinha praticamente nenhum treinamento, tinha acabado de chegar das profundezas do campo, com apenas os velhos clichês tradicionais: direita, esquerda, padre, não padre, secularismo, antissecularismo, tudo isso. E havia a idealização da liberação, da qual eu tinha mais ou menos participado, com uma espécie de aura em torno do PCF, porque parecia ser a coisa mais "esquerdista", de acordo com o conceito que acabei de mencionar. Mas não havia praticamente nenhum conteúdo de classe real em tudo isso, era mais uma tendência vagamente humanista, uma extensão, que estava morrendo na época, do antigo radicalismo de pensamento livre da Terceira República. Meu pai era artesão, minha mãe, professora. Essa vaga aspiração à "justiça social" poderia servir de base para as reações de um adolescente à sociedade vista de uma pequena vila rural de mil habitantes, onde os que têm são os lojistas, o tabelião, o hobgoblin etc., e os que não têm são os fazendeiros. Cheguei a Paris em 1945, e me pareceu bastante natural entrar para a CGT. Pouco a pouco, mas no final rapidamente, essas vagas aspirações foram transformadas pelo encontro com outras realidades, as realidades de classe. Assumi responsabilidades na seção da CGT, fui secretário por muito tempo e, durante todo esse período, era a guerra fria... Quando a Force Ouvrière se separou, eu já havia optado pela CGT, porque achava que na empresa isso havia sido feito de uma forma bastante nojenta: em outras palavras, a FO foi colocada de paraquedas pelo chefe (uma empresa

nacionalizada...). Optei pela CGT, mas sem saber muito mais sobre ela do que essa idealização CGT-PCF.

Muito rapidamente, houve uma luta dentro da CGT contra todas as suas opções políticas na época. Era a guerra fria, o alinhamento em todas as posições, toda a besteira do Apelo de Estocolmo, Ridgway, a peste... Na seção da CGT, encontramos um núcleo inteiro de jovens lutando contra a política do PCF dentro da CGT, o que não foi fácil, porque, por um lado, você estava lutando essa luta e, por outro, era marcado por sua filiação à CGT, e tínhamos direito a uma espécie de caça às bruxas nos clubes.

Éramos mais ou menos tolerados pela CGT, porque, na época, o que contava para eles era a agitação, mas para nós isso tinha outra base que não a necessidade de fazer um pouco de agitação no capitalismo francês, para ser uma espécie de enfraquecimento do capital na França e dos EUA como resultado. Não dávamos a mínima para a caixa, lutávamos porque era necessário nas posições que estávamos tentando fazer com que os caras expressassem, de acordo com suas próprias necessidades.

Naquela época, eu não tinha uma plataforma política. Meu aprendizado político veio por meio da atividade sindical. E foi puro acaso. Se eu tivesse conhecido um trotskista, poderia ter aderido ao trotskismo; se tivesse conhecido um anarquista, poderia ter aderido ao anarquismo. Muitas vezes as opções são assim, pelo menos no início. Por acaso, entrou na empresa um cara do Socialisme ou Barbarie, que estava lá desde o início, era trotskista e que, na época em que entrei para a CGT, estava prestando serviço militar. Quando ele voltou, nos vimos lutando juntos, com afinidades pessoais e afinidades sobre o conceito de luta. Só que ele tinha um certo histórico político: havia feito parte da tendência Chaulieu-Montal (Castoriadis-Lefort) no PCI, havia vivido a saída e todo o início do Socialismo ou Barbárie. Nós nos encontramos juntos à frente de uma greve em março de 1950, uma greve de três semanas. Pouco a pouco, conversamos e discutimos muito nos anos 50-52, não apenas sobre o S or B... Em suma, fui para o S or B. Pareceu-me uma extensão natural do meu trabalho no clube; tudo o que eu podia aprender estava mais ou menos de acordo com o que eu havia conseguido detectar na situação geral, nos confrontos pelos quais já havíamos passado antes. Minha primeira escola política, se é que era uma escola, foi a S ou B.

Na S ou B, entrei em um pequeno grupo onde havia no máximo quinze pessoas: esse foi o período em que a S ou B estava em um retiro total. No início, a S ou B havia atraído um certo número de pessoas, pequenos grupos, principalmente ex-bordigistas, comunistas do conselho etc. Mas, naquele momento, isso havia acabado. Mas, àquela altura, já havia acabado. Até mesmo Lefort não frequentava mais o S ou B (houve um período inteiro em que ele não compareceu às reuniões...). No grupo, a única coisa a ser feita era a revisão: a maior parte do trabalho foi feita por Castoriadis, pelo menos a parte teórica. O resto, o complemento, era feito por um amigo, ou por outro, dependendo dos interesses que cada pessoa pudesse ter por uma coisa ou outra. A rigor, quase nunca havia discussões ou grandes debates nas próprias reuniões. Cada um trazia seu próprio texto, discutíamos os detalhes em maior ou menor grau, e ele era publicado na revista. Quando havia grandes diferenças de opinião, por exemplo, entre Lefort e Castoriadis sobre organização, havia dois textos que coexistiam e pronto. Sobre os textos bastante fundamentais que

Castoriadis podia publicar (ele começou sua evolução com análises do período pós-guerra, da natureza da URSS), mas não havia nenhuma contestação séria no grupo porque, no final das contas, não havia ninguém que pudesse realmente contradizê-lo nesse campo. O único cara que o enfrentou um pouco e manteve suas próprias ideias foi um ex-Bordiguiste que depois foi para o *Pouvoir Ouvrier* e agora está na Liga [Comunista Revolucionária]; ele ainda era muito leninista e só ficava no S ou B se não houvesse mais nada.

Para mim, foi muito fácil entrar na S ou na B. Não sei o que foi discutido antes, como decidiram minha admissão. Não sei o que foi discutido antes, como decidiram minha admissão, mas no final não houve exame de nível ou opção política. Ninguém nunca me perguntou: "*Você aceita as posições S ou B*? Teria sido ainda mais difícil porque as posições da S ou B na época eram bastante vagas: havia uma enorme diferença entre o que Castoriadis e Lefort estavam dizendo sobre organização e, no final, ninguém poderia dizer que havia uma posição claramente definida. Certamente foi a mesma coisa em muitas outras questões, com todos mais ou menos esperando que o grupo evoluísse de acordo com suas próprias concepções.

Eu me sentia relativamente confortável na S ou B porque você podia dizer o que pensava. Era um grupo de amigos em comparação com o isolamento em que você se encontrava em outros lugares quando tinha esse tipo de posição. Era lá que tudo era essencial, certamente não em nenhum projeto revolucionário.

Em determinado momento, S ou B entrou em contato com comunistas de conselhos holandeses, um grupo chamado Spartacus. Amigos do *Socialisme ou Barbarie* haviam participado de um congresso na Holanda, e amigos holandeses haviam ido à França. Eu conversei com um deles, e as posições que ele expressou me pareceram mais claras, corresponderam melhor, como teoria, à minha experiência do que o que eu tinha ouvido no S ou B, porque o que foi discutido lá foi desenvolvido em um nível muito alto, muito político, enquanto os comunistas de conselhos estavam mais próximos do espaço de análise da luta cotidiana, da maneira como a luta de classes estava se desenvolvendo. Assim, alguns de nós da S ou B (não Lefort), em particular um velho amigo do sul da França, líder de um grupo comunista de conselho antes de 1939, e alguns outros, nos reunimos para tratar desse assunto. Nós nos encontramos, embora com diferenças bastante grandes, em termos de luta de classes, com Lefort, em uma certa concepção da organização e atividade do grupo, a forma de trabalho, etc.

De fato, assim que essas questões foram abordadas em Socialisme ou Barbarie, havia duas correntes principais:

- uma tendência bastante tradicional, que tende a transformar o grupo em um grupo com uma direção definida, um programa, com posições definidas por votos da maioria e obrigatórias para os membros do grupo.
- outra corrente de abertura, de questionamento, mais preocupada em buscar na própria luta de classes do que na análise teórica de "perspectivas revolucionárias" e orientações práticas para o grupo.

O paradoxo (sem dúvida aparente) é que, em 1958, Castoriadis, que questionaria tantas coisas (e já havia começado a fazê-lo, daí a filiação ao S ou B de um certo número de nós), encontrou-se ao lado dos elementos mais tradicionais, em uma "maioria" que se separaria um pouco mais tarde em questões que eram, em última análise, mais fundamentais do que aquelas que motivaram a divisão de 1958.

Mas, antes de 1958, tudo era um pouco estereotipado: ninguém podia se dar ao luxo de tentar impor qualquer tipo de disciplina aos outros, sob pena de se verem sozinhos. Ficávamos com S ou B, mesmo que as discussões revelassem discordâncias profundas. Certas práticas eram toleradas, e os rancores eram reacomodados após algumas explosões. Lembro-me de discussões sobre o texto "Conteúdo do Socialismo". Podemos realmente chamá-las de discussões, porque Castoriadis tinha uma personalidade muito autoritária e, assim que a contradição tendia a incomodá-lo, as coisas explodiam. Havia um tipo de relacionamento dentro do grupo que não era muito agradável. Quando ele apresentava um texto, nós o discutíamos, fazíamos alguns ajustes e ele era publicado assim. Lembro-me também de certas práticas que não nos agradavam muito: com os amigos que mencionei anteriormente, fizemos um artigo sobre as greves de 55 em Nantes. Escrevemos uma conclusão para o artigo e o enviamos para publicação. Quando o vimos publicado na revista, toda a conclusão havia sido alterada, as palavras mudaram, os tempos verbais mudaram... Em suma, mudou a direção do artigo. Por acharmos que não era triunfalista o suficiente, Castoriadis mudou o artigo sem nos avisar, sem nenhuma discussão no grupo. Houve toda uma polêmica, sobre a qual não voltarei a falar, em torno da carta de Pannekoek->160]... (cf. Castoriadis, *L'expérience du mouvement ouvrier, t.1*, 10-18, p. 249 sq). Ele afirma coisas que certamente não aconteceram assim. Mas o que é certo é que qualquer coisa que o incomodasse, em relação a suas concepções, ele tendia a pressionar de forma bastante brutal e ditatorial dentro do grupo. Mesmo quando o vejo escrever certas coisas com certas palavras, ainda hoje, tenho a tendência de procurar a pequena fera no que ele quer dizer. Sem dúvida, isso também decorre de uma abordagem política totalmente diferente, eu diria até o contrário. Isso levanta outros problemas fundamentais, sobre os quais falarei mais tarde.

Foram tempos realmente heroicos. Já estávamos tendo dificuldade em fazer com que as pessoas pagassem suas dívidas e comparecessem no horário. Na prática, nossos vínculos com os trabalhadores eram muito tênues, com exceção do amigo que trabalhava na seguradora comigo e de um grupo central na Renault, não centrado em Mothé, como diz Castoriadis na entrevista com a APL-Caen. A pessoa que era, acima de tudo, o líder da *Tribune Ouvrière* na Renault era um ex-bordiguista, Gaspard, um cara muito individualista, ao mesmo tempo muito ativo, que se proclamava bolchevique. Ele era um líder de homens. Ele costumava vir ao *Socialisme ou Barbarie*

de tempos em tempos. Ele conseguia facilmente reunir trinta ou quarenta homens na Renault. Ele organizava passeios e assim por diante. Em um determinado momento, ele deixou completamente *a Tribune Ouvrière* para fazer uma viagem ao redor do mundo e, em seguida, montou uma espécie de centro juvenil nos Alpes. Mas, na época, ele era o líder da *Tribune Ouvrière*.

Nos anos 50, começaram a surgir as primeiras reações contra as burocracias de todos os sindicatos; elas foram expressas ora pela criação de sindicatos autônomos (que não eram o que se tornaram na época), ora pela criação de grupos com uma inclinação mais política. Esses grupos variavam de máquinas de guerra trotskistas (Voie ouvrière) a grupos de pessoas que rejeitavam o trotskismo e o anarquismo. Foi o início da grande mistura que se desenvolveu até hoje.

Por volta de 1957, o público do *Socialisme ou Barbarie* começou a se ampliar um pouco, mas se limitava a estudantes e professores, e os operários e funcionários públicos tendiam a abandonar o S ou B.

Depois de 13 de maio de 1958, chegaram cerca de cem pessoas que queriam trabalhar com S ou B. Mas os problemas não eram mais os mesmos. Mas os problemas não eram mais os mesmos. Imediatamente, em termos concretos, houve problemas organizacionais e, somente nesse ponto, houve um confronto excessivamente violento.

Em tais circunstâncias, é difícil determinar, em análises políticas, o que é a expressão de uma aspiração há muito tempo reprimida. Tive a sensação de que, para muitos dos que formariam a "maioria" dos recém-chegados, a ambição de sair do túnel e construir uma organização revolucionária era a força motriz por trás de tudo. Durante três ou quatro meses, um tipo de delírio político catalisou o entusiasmo dos recém-chegados. Para alguns, De Gaulle era o fascismo (eles o comparavam aos generais de Argel). A maioria dos recém-chegados também chegou ao S ou B com base nisso, para agir "contra o fascismo" e estar alinhado com a reação dos trabalhadores, que não demorou a chegar. Portanto, tivemos de criar uma organização eficaz. Apenas alguns de nós rejeitaram essa análise e sustentaram que De Gaulle, como representante do Grande Capital, tinha a missão de pôr fim à guerra da Argélia.

Os dois pontos de análise da situação e da organização estavam tão intimamente ligados que, nessa reunião geral do S ou B, que deu origem à cisão, os membros da minoria foram praticamente chamados de covardes porque, segundo se dizia, eles se recusavam a lutar. A atmosfera era de paixão.

Nada disso apareceu em S ou B. Alguns boletins internos mencionaram o fato um pouco mais tarde, por volta de setembro-outubro de 58. Ainda encontramos, mesmo nas posições de Castoriadis, essa tendência de considerar De Gaulle como o homem do fascismo, mas já há nuances. E no primeiro número, que apareceu mais tarde, no final de 1958, já havia ocorrido um esclarecimento, e as análises políticas eram mais ou menos as da "minoria" seis meses antes. Não sei se posso falar sobre táticas, mas quando penso em tudo isso, não consigo deixar de pensar que, como eu disse anteriormente, o choque de ideias foi determinado por ambições políticas.

Na época, havia dois campos, e esses dois campos eram, de um lado, aqueles que não queriam um grupo estruturado, monolítico e superativista e, de outro, aqueles que, ao contrário, o aceitavam; e, de fato, Castoriadis optou por esse lado.

Naquele momento, nos vimos contra a fórmula de grupo que ele propunha em seus textos, com um certo número de amigos contra a "maioria" que defendia uma organização com células, aparentemente donas de sua própria orientação, mas donas de sua orientação dentro da estrutura da orientação geral definida por uma assembléia geral, por voto da maioria/minoria, com a obrigação de a minoria defender a posição da maioria, com a simples possibilidade de defender suas posições no boletim interno e na revista. Mas, fora isso, havia uma disciplina bastante rígida, pelo menos no papel, porque não posso dizer como funcionava: eu não estava mais na S ou na B e só acompanhava os procedimentos à distância.

Em nenhum momento, durante esses confrontos, as análises que Chaulieu (Castoriadis) já havia esboçado em S ou B foram questionadas. Pelo contrário, certos textos da "minoria" reconheceram o valor de sua crítica econômica e de suas análises, que, no calor da polêmica, Chaulieu censurou à "minoria" como uma "apropriação" abusiva das teses da "maioria".

Na crítica de Castoriadis à concepção da ILO (*Information et Liaison Ouvrière*) que foi formulada na época, há coisas que são corretas e outras que são mais tendenciosas, no sentido de que ele deliberadamente minimiza qual era o objetivo da ILO. Os textos estão lá: estabelecemos o princípio de que tínhamos de criar uma organização revolucionária, até mesmo uma organização de vanguarda; as minorias simplesmente diziam que essa organização tinha de ser construída com base em grupos autônomos e com uma perspectiva bastante ampla. Quanto a esse último ponto, a crítica de Castoriadis é bastante precisa: não foram estabelecidos limites claramente definidos para a participação em um grupo, mas no final eles se atribuíram um papel de vanguarda. O grupo, como uma organização de vanguarda, deveria ser um órgão de ligação, uma força motriz para os grupos empresariais; deveria formar uma frente de grupos empresariais de vanguarda em torno do boletim mensal. Estávamos efetivamente opondo uma fórmula de organização de vanguarda a outra fórmula de organização de vanguarda. Essas são posições com as quais não concordo mais. A dissolução do S ou B, do *Pouvoir Ouvrier* e depois do ICO (para mencionar apenas os grupos que nos interessam) pode ser vista como parte do processo de desenvolvimento da autonomia das lutas (voltarei a esse assunto mais tarde).

As diferenças surgiram do que era considerado a "vanguarda". Para a "maioria", essa "vanguarda" era, antes de tudo, aqueles que pertenciam ao grupo; o modus operandi da organização, a entrada e a filiação eram definidos de forma bastante rigorosa, com a necessidade de um consenso sobre as posições expressas pelo grupo. Para a "minoria", essa "vanguarda" era, de certa forma, todos aqueles, de preferência trabalhadores, que se declaravam como tal. Fomos para o outro extremo: sem fronteiras claras entre a organização e o mundo externo, alguém chegava e dizia "gostaria de trabalhar com vocês", nós dizíamos "concordo" e pronto. Essa era a fórmula que a OIT defendia e que a OIC adotou posteriormente, embora com algumas mudanças significativas em seu conteúdo.

Após a separação do Socialisme ou Barbarie, seguimos caminhos diferentes. A ILO era um grupo puramente intelectual; apenas três trabalhadores, um desenhista e dois funcionários; os demais eram estudantes e professores influenciados por Lefort, que, como diz Castoriadis, era mais um humanista do que qualquer outra coisa. Havia diferenças, essa negação de qualquer base de classe, de qualquer possibilidade de

revolução. Isso não ficou muito evidente no momento da separação, mas logo se tornou evidente que, apesar do consenso sobre o que havia acontecido no momento em que deixamos a S ou B, havia divergências muito mais profundas e fundamentais sobre a própria concepção das lutas sociais e do processo revolucionário... Até mesmo a noção de um grupo "aberto" não podia mais ter o mesmo significado.

Enquanto durou a guerra da Argélia, de 1958 a 1962, houve um tipo de atividade primária que aparentemente uniu o grupo (era o mesmo na S ou B e nos outros grupos): ativismo, porque fizemos uma manifestação após a outra. Sempre havia discussões sobre a evolução da guerra, mas nada muito profundo; em suma, alimentos práticos que mascaravam as diferenças. Em todos os grupos, havia até mesmo um aspecto artificial e superficial nessa luta, que fazia com que o compromisso dos alunos contra a revogação das sentenças suspensas parecesse uma politização profunda.

Assim que a guerra da Argélia terminou, a ILO, como muitas outras bandas, entrou em parafuso. A ILO desapareceu nesse momento. Os problemas reais surgiram repentinamente e as diferenças de opinião dividiram o grupo. Com exceção da fração que continuou com a ICO, foi mais um caso de dispersão. Como o objetivo da OIT era reunir os trabalhadores, outro grupo foi criado paralelamente à OIT (separado do S ou B), no qual havia de fato trabalhadores, mas apenas trabalhadores. Precisamos voltar no tempo. Em junho de 1958, na Bourse du Travail, houve uma reunião de entre cem e cento e cinquenta pessoas, composta inteiramente por "oposicionistas", em outras palavras, todos aqueles pequenos grupos de que falamos, que se formaram em reação à burocratização dos sindicatos. Ele reunia toda uma gama de orientações. Antes disso, já tínhamos tido contatos horizontais com caras de diferentes locais de trabalho, grupos independentes ou grupos mais ou menos trotskistas; e aqui, era um agrupamento de todas essas correntes marginais no sindicato, algumas trabalhando no sindicato, outras reformando o sindicato. Outros, inclusive eu, estavam começando a definir a função do sindicato no capitalismo e consideravam que estar no sindicato não fazia mais sentido, que você poderia estar lá por necessidade, mas que não poderia mais defender a filiação ao sindicato a qualquer custo. Esses debates duraram dois dias. Os participantes incluíram :

- os trotskistas do grupo Lambert (OCI), praticamente o único grupo de alguma importância na época, cujo ativismo se aplicava a caixas e educação
- os primeiros núcleos da VO, *Voix Ouvrière* (a VO nasceu naquela época), incluindo Pierre Bois, que era o principal organizador da VO na época. Resgatados do SDR (*Syndicat Démocratique Renault*), centrado em Renault, eles participaram da *Tribune Ouvrière,* que mencionei, com anarquistas, um cara do S ou B, Mothé
- os anarquistas tradicionais da Fédération Anarchiste, anarco-sindicalistas "trabalhando" com trotskistas lambertistas na FO, Saint-Nazaire, etc.
- os caras da RP (*Revolução Proletária*), sindicalistas revolucionários
- pessoas de fora isoladas de todos esses grupos, da Previdência Social, do PTT etc., ou que tinham tido experiências que levaram a grupos autônomos em locais de trabalho, como na seguradora (AGP), na Morse (um local de trabalho eletromecânico), que tinham tido mais ou menos a mesma experiência de luta autônoma com a persistência de um núcleo ativo em torno de um boletim informativo do local de trabalho. Foi interessante porque mostrou que um movimento estava tomando forma, que as pessoas estavam se reunindo para tentar se definir, mas não conseguiam porque havia muitas opções e experiências políticas divergentes, e daí surgiram várias correntes que encontraríamos nos dez anos seguintes.

Os trotskistas continuaram, como de costume, com o que para eles era apenas mais uma tentativa de pesca. Bois deixou a Tribune Ouvrière; o outro cara que a dirigia também saiu, por iniciativa própria, e na verdade tudo o que restou foi Mothé, com outro amigo anarquista, Blachier, que mais tarde se juntou ao ICO. Bois começou a lançar as folhas do VO, que na época eram apenas folhas de fábrica na Renault e em algumas outras empresas onde ele tinha contatos; esse foi o primeiro elo a partir do qual o VO cresceu. Os sindicalistas revolucionários do RP continuaram, também eternamente semelhantes a si mesmos, assim como os anarquistas.

Naquela época, o *Socialisme ou Barbarie* estava lançando seu "mensal dos trabalhadores", *Pouvoir Ouvrier*, pensando que era necessário lançar um jornal para agitação, para contato com os locais de trabalho. A Tribune Ouvrière declinou gradualmente e depois desapareceu, porque Mothé estava seguindo a carreira sindical que já havia iniciado, primeiro com o PO e depois com a CFDT. Não quero tirar

nenhuma conclusão desse desenvolvimento. Quero apenas salientar que isso ocorreu após anos de militância antissindical na Renault, em um momento em que a S ou B estava se tornando um grupo político ativo. Na lógica dessa atitude, era normal que Mothé abandonasse o boletim informativo básico *Tribune Ouvrière* para fundar o mensal político *Pouvoir Ouvrier*; assim como Bois também o abandonou para fundar a *Voix Ouvrière*.

Aqueles que não estavam satisfeitos com todas essas fórmulas acabaram na OIC, quase todos eles (pessoal de base, anarquistas da FA, *negros e vermelhos*, comunistas do Conselho, etc.). Paralelamente ao declínio do grupo da OIT, o grupo dos "trabalhadores", por outro lado, cresceu gradualmente de 1959 a 1967. A OIC se contentou em ser um instrumento de ligação entre os indivíduos que realizavam suas próprias atividades de caixa. Com base nisso (não ter um programa de qualquer tipo, sem limites definidos), a ausência de regras não era um problema. Fazíamos reuniões uma vez por mês, nas quais resolvíamos nossos problemas e os discutíamos. Era esse desdobramento, esses debates, que eram publicados na revista da ICO, juntamente com artigos sobre lutas em outros locais de trabalho que conhecíamos por meio de jornais ou contatos, ou sobre lutas no exterior (por meio de traduções de jornais ou contatos diretos).

Nos anos 66-67, as coisas começaram a mudar. Começaram a vir rapazes de outros grupos, mas não com base na ICO: em uma base mais política. Oito caras da *Voix Ouvrière* vieram primeiro. Eles foram mais ou menos influenciados pelo situ. Depois de um tempo, eles não estavam mais satisfeitos com as discussões do grupo, que eram obviamente muito realistas em termos de uma "perspectiva revolucionária" que eles estavam tentando redefinir fora da tradição leninista e marxista. Eles começaram a escrever textos gerais, com a intenção de que fossem discutidos na OIC. Houve, então, uma espécie de recusa quase geral por parte dos "velhos" membros da OIC em discutir essas ideias; uma recusa que foi exacerbada porque essas críticas vinham de jovens, que eram tratados com um certo "paternalismo político", que, além disso, acabava, de acordo com as práticas privilegiadas pelo Situ, em denúncias individuais das contradições uns dos outros. O que era fácil, porque o ICO tinha tudo.

Por exemplo, havia um metalúrgico húngaro refugiado de 60 anos, amigo meu, que sempre dizia "precisamos de uma organização no estilo bolchevique", o que fazia todo mundo rir. Ele procurou a ICO porque havia sido rejeitado e até mesmo vitimado pelo PCF. Os únicos amigos com quem ele podia conversar sobre sua vida passada e presente, e encontrar simpatia, eram aqueles com quem discordava politicamente. Era um caso um pouco extremo, uma caricatura, mas para cada membro da ICO havia algo parecido. Mas será que isso era realmente diferente do que existe em todos os grupos, que eles constantemente tentam esconder e que aqui era conhecido por todos? Para mim, não era diferente do que eu havia experimentado em S ou B.

Pouco antes de maio de 68, houve uma invasão do grupo *Enragés* (com Riesel). Eles vieram em um número quase tão grande quanto o de membros da ICO e queriam impor sua orientação e prática. Os confrontos começaram por causa de textos que eles estavam pedindo, quase exigindo, que fossem publicados na ICO: páginas de Cœurderoy e assim por diante. Isso estava muito longe dos problemas concretos que os amigos da ICO queriam resolver. Eles se reuniam uma vez por mês, não para discutir Coeurderoy.

Também nesse caso, as coisas não deram certo rapidamente. Como eles queriam impor seu próprio tema para discussão em uma reunião, o grupo da OIC propôs a criação de duas células da OIC, cada uma com seus próprios temas para discussão, e ver como essas células poderiam ser coordenadas materialmente. Em seguida, eles saíram da sala dizendo: "Isso vai voltar para te morder na bunda". Essa foi a frase histórica de Riesel. Essa história parece de fato corresponder ao que Castoriadis descreve em sua entrevista com a APL-Caen. Mas sua crítica permanece superficial e não responde a esta pergunta: o que impede que um grupo "aberto", no qual duas frações se opõem, forme duas (ou mais) células que coordenem suas atividades? Precisamente, é uma pergunta que toca na dominação de uma teoria, uma prática, sobre as outras; o mesmo problema que causou o rompimento de S ou B; o mesmo problema que eu acho que é profundamente desafiado pelo desenvolvimento da autonomia, e que discutirei mais tarde.

Logo em seguida, veio maio de 68. Uma das características da ICO era que muitos de seus membros pertenciam a outro grupo ao mesmo tempo. Até 68, essa

situação podia ser confusa, porque todos vinham para discutir coisas muito concretas, mas como poderiam ter feito em um sindicato, um sindicato em que se sentiriam à vontade, porque não definia uma linha, nem pretendia ser reformado, mais puro ou revolucionário. 68 levou a uma mudança para uma nova orientação, a de um grupo político. Isso foi particularmente perceptível logo após maio de 68, quando houve um influxo de rapazes (principalmente estudantes) para os quais o que estava acontecendo nos clubes não era muito empolgante e que tinham visões muito mais gerais, imbuídos de um ativismo que era estranho à rotina diária.

Portanto, houve uma grande fertilização cruzada. Houve experimentos à margem da ICO, onde algumas pessoas foram embora mantendo um pé na ICO, por exemplo, a tentativa de lançar um jornal no inverno de 68-69, *Passer Outre*, que teve algumas edições, ou o experimento com o jornal *Tout*, lançado pela VLR (*Vive La Révolution*), com o qual elementos do *Movimento 22 de Março* trabalharam. A ICO serviu como uma válvula de escape para aqueles que tinham possibilidades políticas. Achei que poderia ter surgido algo mais. De qualquer forma, é certo que naquela época a fórmula da ICO era inviável, sob todos os pontos de vista.

Em 1969, houve uma convergência no ICO de vários grupos, desde os caras do *Vieille Taupe* (os últimos vestígios do *Socialisme ou Barbarie*) até alguns esquisitões próximos ao Situ, incluindo *Révolution internationale, Archi-Noir, Noir et Rouge*, os comunistas dos Conselhos etc. Houve uma reunião em que havia pelo menos cem de nós, de todas as partes. Os contatos de vários núcleos provinciais foram pelo menos tão importantes quanto, mas o que todos esperavam alcançar? A ICO poderia ter sido a federação desses grupos díspares, unidos apenas em torno de seu antiautoritarismo?

Um mês depois, houve uma reunião internacional semelhante em Bruxelas, e a mesma coisa aconteceu. No final, tudo se resumiu a confrontos. Havia muita roupa suja em maio de 68, com todos se acusando mutuamente de terem tido atitudes burocráticas, o que era verdade para alguns... Não havia possibilidade real de trabalho conjunto construtivo, embora durante um ano a OIC tenha se tornado o órgão (impresso) desse "reagrupamento".

Em 1970, em outra reunião em Saint-Etienne, com mais ou menos as mesmas correntes, mas com menos pessoas, o confronto foi ainda mais violento, entre *a Révolution Internationale* e um grupo de Clermont-Ferrand, o MARS (*Mouvement d'Action Révolutionnaire Spontanée), que* mais tarde se fundiu à RI, de um lado, e todas as tendências próximas ao Situ, de outro. Ficou claro que nenhuma dessas correntes poderia coexistir na ICO. Os caras que vieram das caixas foram afogados nelas. A parte ativa da OIC mais uma vez não passava de um núcleo minúsculo, que garantiu a publicação do canard em uma tentativa desesperada de torná-la um órgão de expressão, discussão e elaboração coletiva. Esses esforços continuaram por dois anos[1] .

Um magma inteiro continuou a participar das reuniões quinzenais da OIC. Mas, durante duas horas, quase não houve reuniões. Foi depois da missa de domingo de manhã. As pessoas conversavam em pequenos grupos. Essa função poderia muito bem ter sido desempenhada por Maspéro. No final do dia, nem mesmo as discussões mais políticas e as informações interessantes foram transmitidas. O material sobre a luta de classes não interessava nem mesmo aos que compareciam. Por exemplo, no outono de 1972, tivemos uma reunião com um grupo italiano de Milão, *Autonomie Ouvrière*. Era impossível escrever um relatório ou discutir o assunto; ninguém estava interessado. E, no entanto, foi imediatamente após as grandes lutas na Itália em 68 e 69. O pior de tudo (e o motivo pelo qual saí) foi que, em um determinado momento, tudo foi questionado, até mesmo o trabalho perseverante das reuniões semanais e do boletim informativo. A própria ideia de realizar uma reunião para discutir esse ou aquele ponto foi criticada. Eu havia escrito um texto expondo minhas ideias para o trabalho do grupo central que produzia o boletim informativo. Era apenas uma questão de método. Mas era impossível discutir o assunto. Ficou bastante claro que essas brigas sobre métodos escondiam diferenças mais profundas que só foram formuladas em uma das últimas reuniões mensais.

Depois que saí, o boletim parou de ser publicado quase que imediatamente; as reuniões continuaram por um tempo e a ICO deixou de existir (a dissolução da ICO foi anunciada oficialmente em uma carta circular de Blachier em novembro de 1973).

---

[1] Conseguimos realizar reuniões de trabalho semanais, com a presença de não mais do que cinco ou dez amigos, das quais, apesar das diferenças de opinião, saiu uma certa quantidade de trabalho (incluindo o livro sobre a Polônia, por exemplo). Mas esse trabalho e esses esforços eram a perseverança de três ou quatro.

Pergunta: O que devemos pensar sobre esse fracasso? Foi um acidente? Ou, como diz Castoriadis, o resultado lógico do conceito de organização que você estava desenvolvendo?

Simon: Você poderia fazer a mesma pergunta para S ou B e chegar à conclusão oposta. Não faria mais sentido em nenhum dos casos. É certo, como diz Castoriadis, que se você permitir que qualquer pessoa venha e discuta qualquer coisa, isso é o que está fadado a acontecer. E há uma certa hipocrisia em dizer: somos um grupo aberto e, no momento em que uma massa inteira de pessoas aparece, torna-se a maioria e quer impor uma determinada orientação, você se afasta dizendo: não é isso que eu quero. Há uma certa crítica a Castoriadis que é correta. Mas, como eu disse acima, essa crítica, por mais justa que seja, continua sendo bastante superficial. Ela não explica por que as pessoas que se encontram juntas querem, no final das contas, impor sua "verdade" aos outros em vez de procurar definir relações recíprocas entre grupos autônomos. Nesse ponto, tudo é colocado em termos totalmente diferentes.

Desse ponto de vista, acho que, quando criamos a OIC em 1958, ela de fato correspondia a uma necessidade de um certo número de pessoas (por isso insisti nas histórias das caixas). Mas a OIC se desenvolveu independentemente do que estava em jogo na divisão S ou B, que eram as "ideias da OIT". O que fez com que a OIC evoluísse, com a chegada de vários grupos, foi a própria realidade social, os eventos (assim como o que causou a ruptura de S ou B foi, no final, a realidade social). Não podemos falar em fracasso ou acidente para a ICO, assim como não podemos falar para S ou B, mas temos de tentar ver como um grupo correspondeu a uma dupla necessidade, tanto para aqueles que participaram dele quanto para o meio social onde ele encontrou um público. Esse não é um problema de voluntarismo, como afirma Castoriadis. É uma questão de entender o que é o grupo e de quais lutas ele é a expressão, consciente ou inconscientemente.

De fato, a fórmula da ICO não é mais viável. Ela não é viável para um grupo político. Em um determinado momento, ela atendeu às necessidades um tanto realistas de vários homens que se viam rejeitados em todos os lugares. A OIC permitiu que eles reunissem suas experiências, mas não conseguiu responder a outros problemas mais gerais.

Na introdução do primeiro volume de *La Société bureaucratique* (10/18 NS 751), Castoriadis diz algumas coisas muito precisas sobre organização; por exemplo, ele escreve: a partir do momento em que falamos de um movimento autônomo, não há mais lugar para ensinar nada a esse movimento, já que ele deve ser a totalidade em si mesmo. Ele acrescenta: mas, nesse ponto, o problema que surge é: o que deve ser uma organização, uma vez que (e é aqui que ele postula) não devemos simplesmente sentar e não fazer nada. Em seguida, ele continua dizendo: "Acho que uma organização revolucionária é necessária", mas ele diz isso entre parênteses e, assim, evita um problema. Essa "necessidade" de uma organização não surge do nada; se ela vem da cabeça de Castoriadis, é com um significado preciso. Se ela vem de uma "necessidade social", temos que entender o que é essa necessidade no capitalismo e o equilíbrio de poder no momento em que esse grupo existe.

Esse é o debate que estamos tendo atualmente com alguns amigos, incluindo os do grupo inglês *Solidarity*. Por um lado, o movimento de luta, embora ligado ao passado, apresenta características totalmente novas, enquanto, por outro lado, as formas tradicionais de organização estão sendo completamente varridas, mesmo que tentem sobreviver solicitando diariamente e, em última análise, fazendo coisas que estão totalmente em desacordo com seus princípios básicos. Estamos testemunhando uma tendência dupla na evolução das organizações, devido à crescente autonomia das lutas. As organizações que buscam a dominação formal (uma função de supervisão para atingir os objetivos da organização) são forçadas a adotar uma postura cada vez mais legalista para se manterem e obterem "reconhecimento". Em seguida, elas se aproximam das organizações tradicionais de "esquerda" (Partido Socialista, Partido Comunista, sindicatos), seja abertamente (participação eleitoral com retiradas, frentes como o apoio à social-democracia via Chile, etc.), seja indiretamente ou individualmente.

As organizações que buscam um contato real (especialmente por meio da ação) acabam se desfazendo devido às contradições entre a prática que, conscientemente ou não, tendem a impor e a prática real daqueles que estão lutando. O resultado são múltiplas divisões, atomização, como tentei deixar claro na brochura da OIC, um ponto de vista. Sem a possibilidade de ação prática, alguns desses grupos se refugiam na

elaboração e distribuição de teoria "revolucionária", em um recuo para soluções individuais, muitas vezes camufladas em uma espécie de ascetismo "revolucionário".

O problema da organização, como os outros, é resolvido pela prática da luta. Nos últimos anos, vimos o surgimento de organizações *sui generis*, que duram enquanto durar a luta e depois se dissolvem. A ideia da permanência da organização está sendo questionada, juntamente com muitas outras coisas. Vínculos horizontais e muito difusos estavam sendo formados; as barreiras que as organizações colocavam entre os indivíduos estavam se rompendo. Toda uma hierarquia de ideias e ações também está sendo questionada.

Pergunta: Ainda existe um projeto revolucionário global?

Simon: Essa é uma questão que discutimos na ICO em uma das últimas reuniões, antes de eu sair, e também recentemente com um colega do *Solidarity*. Como qualquer palavra em uso atualmente, ela muda de significado dependendo de com quem você fala. Ela pode ser usada com a mesma facilidade por um trotskista, por um anarquista, por Castoriadis ou por mim.

Na discussão na ICO, para alguns (a tendência anarquista), a palavra assumiu o significado de um "programa" no sentido tradicional (leninista, se preferir) do termo, mas de um conjunto de regras que condicionam a atividade atual e determinam uma escolha crítica entre o que é considerado "revolucionário" e o que não é. Uma espécie de anarquismo modernizado, se preferir. Na posição de Castoriadis, há uma mistura entre a posição tradicional (o projeto-programa) e a posição que era a dos camaradas da OIC (o projeto-ético). Por um lado, em *Le Contenu du socialisme,* ele modela a organização precisa de uma sociedade comunista baseada em conselhos; por outro lado, ele declara, após várias críticas (algumas delas muito pertinentes), que o único critério de classe é o voluntarismo "revolucionário", acrescentando que a organização (necessária) só pode ser concebida com um tipo de relação que prefigura a sociedade comunista. Essa concepção pode ser comparada à de qualquer grupo tradicional; apenas a linguagem muda.

Todas essas concepções, apesar de suas diferenças reais, mas superficiais, derivam da mesma ideia: o que é chamado de "projeto revolucionário global" emerge da cabeça das pessoas e não da realidade social, do conflito de forças sociais, do conflito

de classes. O que chamamos de "consciência", nas concepções que acabei de mencionar, está, antes de tudo, na cabeça das pessoas e decide sobre suas ações. Não concordo com isso. A consciência surge das necessidades da luta no curso da luta. Não quero me estender sobre esse ponto, embora tenhamos levado esse debate muito longe com vários companheiros. O que eu concluiria em relação ao "projeto global" é justamente que esse projeto nada mais é do que a observação do que emergiu do movimento de luta contra a dominação do capital nos últimos cinquenta anos e do que continua a emergir das lutas de hoje. Nas lutas, esse "projeto" pode ser transformado, precisamente pelo que é criado no curso dessas lutas e que não estava particularmente na cabeça das pessoas antes. Essa concepção coloca em questão não apenas o papel do grupo, mas também o da teoria da revolução e todas as "necessidades" que os grupos alegam fornecer no decorrer das lutas. Por exemplo, a coordenação é obtida por meio da própria luta. Se, em um determinado momento, achamos que há um processo revolucionário, é porque essa coordenação existe na prática e não é obra de elementos externos aos que estão lutando.

Pergunta: Por exemplo, você já teve algum contato com os *Cahiers de Mai*?

Simon : Absolutamente não. *Les Cahiers de Mai é*, em última análise, a esquerda sindical, ou a esquerda sindicalista, se preferir. Eles estão ligados à CFDT. Eu os vejo como um possível instrumento, objetivamente, para a reunificação sindical. É um tipo de renovação sindical que eles estão buscando. Se, como na Itália, houvesse um movimento de base profundamente enraizado, os *Cahiers de Mai* poderiam desempenhar um papel. Basta olhar para Lip, por exemplo, onde eles desempenhavam um papel duplo, porque, por um lado, seu material de fato divulgava a luta, mas, ao mesmo tempo, divulgava informações que eram censuradas em relação à realidade da luta. O fato de terem tido um papel tanto positivo quanto negativo pode ser dito de todas as coisas novas que surgem como essas. Elas têm vida própria, porque correspondem a algo que emerge da luta; mas, ao mesmo tempo, tendem, mais uma vez, a direcionar essa luta para novas instituições. Um cara como Piaget transferiu para os *Cahiers de Mai* uma função que era essencial para a greve e que os Les Lip deveriam ter sido capazes de assumir sozinhos, se não tivessem essa função, e que acabaram tendo que fazer por meio de um aparato. Os Cahiers de Mai tinham a intenção de ser uma nova forma de ligação sindical horizontal, uma espécie de reorganização das estruturas sindicais hierárquicas, a correspondência em nível sindical da reforma da empresa moderna.

Se quisermos fazer analogias com os *Cahiers de Mai,* podemos fazê-lo com movimentos como *o Institute for Worker's Control* na Inglaterra. Na Holanda, também há movimentos semelhantes que representam a esquerda sindical (movimento sindical crítico) etc. Com os Cahiers de Mai, o movimento assumiu uma dimensão diferente porque o Maio de 68 realmente aconteceu, e a CFDT assumiu esse grupo de ativistas (na verdade, a "esquerda" da CFDT). Na Itália, houve um movimento semelhante que levou a uma tentativa de unificação sindical, que já havia sido alcançada no setor metalúrgico.

Pergunta: O que você acha da avaliação de Castoriadis sobre a situação do movimento dos trabalhadores, quando ele diz que o proletariado não é mais o portador do projeto revolucionário?

Simon: Em primeiro lugar, tudo depende do que chamamos de "proletariado". Outra palavra que muda de significado dependendo de com quem você fala. Concordo com Castoriadis quando ele critica a concepção excessivamente estreita que algumas pessoas têm do proletariado (limitada, por exemplo, aos trabalhadores que "produzem valor agregado", o que exigiria muita elaboração). Também acredito que as lutas em outros setores podem ser igualmente importantes, não tanto em termos de seus objetivos, mas em termos dos modos de luta e do que eles revelam sobre a sociedade global. Mas as coisas dão errado quando ele chega à conclusão de que não existem mais classes e que, com exceção de uma franja muito pequena, a única fronteira entre os indivíduos é o seu voluntarismo. Não é a vontade das pessoas que traça a linha de classe, mas sua situação objetiva no processo de produção. É óbvio que não há fronteiras bem definidas, mas sempre houve. O problema de escolha que Castoriadis parece estar colocando é o da pequena, média ou alta burguesia definida como uma origem social e não como uma função social. E no mundo atual, assim como no passado, a função define uma classe sem nenhuma escolha possível.

Contribuição de um camarada inglês: Acho que os franceses tendem a ficar obcecados com a questão dos camponeses e lojistas, por motivos que são específicos da França. É verdade que há muito mais camponeses na França do que em qualquer outro lugar, exceto talvez na Itália. Os "revolucionários" tendem a falar sobre os camponeses da mesma forma que Lênin falava sobre os kulaks na Rússia

no início do século. Não considero o lojista da esquina como meu "inimigo de classe". Por esse motivo, eu provavelmente concordaria com a análise de Castoriadis de que a massa potencial para uma revolução não se reduz aos trabalhadores. Mas o que não concordo com ele é quando diz que é a vontade que traça a linha entre as classes revolucionárias e não revolucionárias. Como Simon, penso que são a função social e as circunstâncias da luta que fazem a diferença. O que é mais interessante em Castoriadis é sua crítica ao marxismo tradicional, àqueles que acreditam que a renda dos trabalhadores deve necessariamente cair, que o capitalismo entrará automaticamente em colapso por causa de suas "contradições internas". Mas somente os marxistas rígidos pensam assim. Os trabalhadores, por outro lado, acham que um ano sua renda cai, outro ano sobe, e que temos de lutar de acordo com as circunstâncias imediatas.

Além disso, embora as críticas de Castoriadis ao marxismo sejam justificadas, o que ele propõe é também um esboço de um sistema global, que chega a uma parada brusca. Quando ele fala sobre o imaginário social e a autoinstituição, temos a impressão de que ele chegou ao fim de sua linha e não sabe realmente para onde ir.

Simon: Essa foi a impressão que tive na última edição da Socialisme ou Barbarie. Ele havia começado uma série de artigos que permaneceram como destaques e, na época, tive a impressão de que ele não conseguiu terminá-la porque estava preso a outras questões. Conhecendo Castoriadis, ele não era o tipo de pessoa que deixava algo pendente por vontade própria. Ele tinha que ser forçado a fazer isso.

Amigo inglês: Dito isso, o que eu acho ótimo nele, e o que sempre me impressionou, é sua análise econômica.

Simon: É normal que essa fosse a parte em que ele era mais forte, porque ele era um economista. Mas houve outro ponto que me chamou a atenção: sua posição sobre os sindicatos. Já na S or B, esse era um problema que nunca havia sido abordado de forma fundamental. A S ou B havia anunciado um estudo sobre o assunto há muito tempo, mas ele nunca viu a luz do dia. Depois de maio de 68, Castoriadis publicou um texto em La Brèche, sob o nome de Coudray; no final, ele aconselhou a adesão à CFDT. Ele também escreveu textos sobre hierarquia na revista teórica da CFDT, o último dos quais foi com Mothé. Menciono esse ponto porque acho que ele se relaciona com as concepções de Castoriadis.

As posições de Mothé são inequívocas. Basta ler esta passagem de seu livro Un militant chez Renault: "*Devemos preparar a mutação de nossas reivindicações, acrescentar aos tipos de reivindicações já existentes um outro tipo que seria o da reivindicação de autogestão. Será que não pode haver demandas de autogestão onde há essa base comum? Essa é uma área em que os chefes, gerentes de fábrica e governos sempre se recusarão a negociar? Diferentemente de outras demandas, as demandas de autogestão têm uma grande vantagem: elas não são onerosas, muito pelo contrário. A demanda de autogestão, portanto, tem a vantagem não apenas de não minar o catecismo industrial, mas, ao contrário, de ir na direção de reduzir o preço de custo*". Mothé era a favor da integração e o CFDT estava completamente satisfeito com ele. De fato, foi-lhe oferecido o cargo de diretor das escolas da CFDT. Ele recusou, mas, mesmo assim, ele é o protótipo do sindicalista carreirista.

Em *Socialisme ou Barbarie*, havia uma espécie de osmose, uma simbiose Mothé/Castoriadis. Em S ou B, o artigo teórico de Castoriadis e o artigo concreto de Mothé estavam quase sempre lado a lado. Mothé via a fábrica através dos óculos teóricos de Castoriadis. Eles permaneceram em contato próximo mesmo após a dissolução. É por isso que fiz alusão ao artigo em *La Brèche,* porque certamente esse artigo aconselhando as pessoas a se juntarem à CFDT em uma época em que Mothé estava lá e já tinha certas responsabilidades na Renault na CFDT não saiu por acaso da pena de Castoriadis, mas certamente veio de contatos. Afinal de contas, por que a CFDT mais do que qualquer outro sindicato? Os caras *da Lutte ouvrière* frequentemente se juntam à FO, por exemplo, e eles podem agitar tão facilmente quanto *a Lutte ouvrière*. Há uma resposta ligada à função de um sindicato moderno no capitalismo moderno e aos temas de autogestão e conselhos apresentados como um "projeto" (no sentido do programa que mencionei acima).

A publicação de artigos na CFDT hoje se baseia na ideia de que é possível influenciar os ativistas da CFDT. Porque quem lê a CFDT hoje? Não são os trabalhadores de base.

O que me intriga nas teorias de Castoriadis - não tenho tempo para me aprofundar em tudo isso - é ver onde, em seu sistema aparentemente coerente, há esse tipo de falha em um certo reformismo, em uma certa tradição; pode parecer que isso

está no que ele diz sobre classes, mas é apenas uma consequência de temas mais fundamentais.

Ele explica que em Marx há uma contradição entre o materialismo histórico e a luta de classes. Ele mantém o segundo termo, luta de classes, mas depois descarta a noção de classe. Mas se não há mais classes, não há mais luta de classes, a menos que digamos que tudo depende do voluntarismo dos indivíduos.

Pergunta: Mas podemos dizer que o que ele diz sobre a hierarquia na CFDT hoje também decorre do reformismo?

Simon: É sempre na mesma linha do voluntarismo, uma certa ética da demanda. Mas lamento muito, as exigências hierárquicas são quase uma força motriz na luta de classes. Você pode deplorá-las ou apresentar opiniões, que não são erradas em si mesmas, por exemplo, que são contraditórias com a autogestão, como faz Castoriadis. Mas aonde isso leva? A rejeitar as demandas hierárquicas como "repreensíveis" e a querer introduzir uma moralização das lutas. Com que objetivo? Para a CFDT, é claro, de acordo com sua inserção no capitalismo moderno, assumindo demandas que estão de acordo com o desenvolvimento do capital. A teoria assim concebida fora do contexto das lutas torna-se a tela ideológica para a função sindical. Se observarmos as lutas, não são as demandas igualitárias que desempenham um papel essencial. E, no fim das contas, mesmo do ponto de vista da economia capitalista, o que tende a destruir um certo tipo de gerenciamento é constantemente a demanda por salários mais altos. Houve uma greve do metrô há dois ou três anos que foi muito característica desse ponto de vista: como uma categoria (os motoristas) manteve suas demandas categóricas e hierárquicas, todo o sistema sindical da RATP foi destruído. Você pode ter uma ética de demanda, mas, na realidade, não há nenhuma. Isso não significa que eu seja a favor da hierarquia, mas esse é o meu ponto de vista pessoal e não tem nenhuma relação com a análise que posso fazer das lutas, do movimento autônomo, do projeto revolucionário como o delineei.

Pergunta: Para você, sem ter uma concepção restrita do proletariado, a luta econômica continua sendo central?

Simon: Não necessariamente. Também acho que é importante, em outra área, observar o que as meninas fizeram com as questões do aborto, por exemplo, a existência

de grupos de aborto direto. É um fenômeno importante que revela, em uma área específica, coisas semelhantes ao que pode acontecer nas lutas dos trabalhadores. Ele também tem o efeito de bloquear todo reformismo possível, tornando-o muito difícil. E isso também pode acontecer em outras áreas. Assim que a autonomia se desenvolve em um setor (essencialmente as lutas dos trabalhadores, incluindo o que aconteceu na Lip, bem como o absenteísmo e a sabotagem), ela também aparece em outros setores. Ela está se tornando uma tendência global na sociedade e tem de aparecer em todos os setores onde há luta. A característica de um processo revolucionário (e se esse é o meu projeto revolucionário, acho que ele está em andamento) é que ele surge em todos os setores da sociedade, muitas vezes de forma inesperada, onde não é esperado. A sociedade não é uma coisa compartimentada. Não se pode separar um setor do Capital dos demais. Assim que algo se expressa em um setor da sociedade, podemos dizer que encontramos correspondências que podem ser igualmente importantes em outros lugares. Basta ver o que aconteceu nas prisões neste verão. Lip não aconteceu, mas isso aconteceu. E pode ser outra coisa amanhã, em outro lugar. Isso pode ser explicado por "circunstâncias específicas". Mas há muitos exemplos em todo o mundo para não entender que esse é um processo contínuo em todos os lugares e em todos os campos.

Pergunta: Como você analisa a situação atual com Giscard? Como uma nova forma de capitalismo?

Simon : Certamente não. Giscard é um recuo do gaullismo. Mas essa é apenas uma das vicissitudes do capitalismo na França. O que prevalecerá, com Giscard ou sem Giscard, são as vicissitudes do capital em nível internacional (incluindo os países do Leste Europeu, a China...). Ao mesmo tempo, os capitalistas estão tentando, e até mesmo conseguindo, resolver um certo número de questões, ao mesmo tempo em que não resolvem nada. Ninguém sabe exatamente como as coisas estão indo. Um equilíbrio já foi destruído há alguns anos; a luta de classes teve muito a ver com isso (Grã-Bretanha, Itália, França, Polônia...). Um novo equilíbrio pode ser estabelecido, mas à custa de que violência? E que outras lutas sociais se oporão a ele? Ninguém sabe. Desde a Guerra da Coréia, que levaria à guerra mundial, ouvi falar de não sei quantas crises! Já se passaram vinte e cinco anos! Então, é claro, se você continuar dizendo coisas, acabará tendo razão! De qualquer forma, o que está acontecendo agora não se compara à "crise" de 1930, que ainda é a referência em que todos pensam quando se fala em crise.

O importante é o que as pessoas fazem em resposta ao que o capitalismo impõe a elas, as lutas e o que resulta dessas lutas. Isso inclui um certo conhecimento do global, mas não vejo o global como algo absoluto e hierarquicamente superior. A ação no curso das lutas, o que aqueles que lutam inventam em sua luta, é igualmente teoria e resposta teórica. No final das contas, não são as discussões sobre esse assunto que são essenciais (a menos que atribuamos um papel central e hierárquico à teoria). Se fizermos um balanço de todas as explicações e suas bases econômicas, não entenderemos mais nada. Não sei nem mesmo se um novo Marx encontraria seu caminho. E estamos muito longe disso...

Pergunta: Qual é a sua posição em relação ao ativismo?

Simon: No momento, são, por um lado, contatos de dados, que se materializaram muito com companheiros estrangeiros (*Solidariedade*, companheiros holandeses, etc.), por outro lado, folhetos (um sobre Lip será lançado em breve), a publicação de *Conselhos de Trabalhadores de Pannekoek* (edições Belibaste) e Capitalismo e Luta de Classes na Polônia: Dez. 70-Jan. 71 (edições Spartacus). Nós nos concentramos principalmente em análises de lutas, sejam elas antigas (publicamos um panfleto sobre a Hungria 1956, que era uma tradução do *Solidariedade*) ou atuais (Lip, uma tradução de um texto americano sobre as lutas das enfermeiras e o surgimento da medicina capitalista na América, e um texto sobre as lutas de classe inglesas). A rigor, uma atividade em grupo depende de todo o trabalho analítico de que falamos anteriormente. Há muito mais comunicação do que costumava haver e, de qualquer forma, o que estou determinado a não fazer é criar um grupo no qual eu teria um papel dominante, como poderia ter tido na ICO ou como Castoriadis poderia ter tido na S ou B.

No final, ter uma atividade em grupo vem de uma certa realidade em que uma necessidade é sentida coletivamente. Ela vive por um tempo e depois morre. É como tudo o mais na sociedade. Se você tentar manter um grupo artificialmente, sofrerá o destino de todas as estruturas sociais que tentam se manter a todo custo. Ou ela toma um rumo autoritário e você procura ter um poder mais ou menos legal, mais ou menos oculto, para impor a manutenção voluntária do grupo, ou então, apesar de todos os seus esforços, o grupo se destrói.

Não sei o que vai acontecer, mas acho que não poderemos mais ter grandes grupos com base na concepção tradicional de organização. Temos de tentar ver o grupo em relação ao que o movimento de luta faz com ele, e em relação ao que podemos ter em nossas cabeças. De qualquer forma, como algo bastante distinto do movimento de luta em si e que expressa, na melhor das hipóteses, apenas um momento desse movimento.

Um amigo de Caen: Mas comparado com o que a S ou a B foram em um determinado momento...

Simon: O que era S ou B? Nunca foi apenas uma centena de pessoas, no máximo. Para um sujeito que acabou de sair do trotskismo, por exemplo, ler uma coletânea de S ou B pode levá-lo em oito dias pelo caminho que S ou B percorreu em vinte anos. Dessa forma, há de fato um ponto de partida. Por outro lado, para alguns, S ou B era apenas isso. Porque Castoriadis tinha uma tendência a ignorar as correntes históricas que haviam precedido S ou B e que, no final, em vários pontos, haviam ido muito mais longe do que Castoriadis na década de 1950. Por exemplo, S ou B nunca falou de toda a corrente do comunismo de conselhos (exceto pela correspondência com Pannekoek, que ele imediatamente rejeitou), cujos representantes existiram na França, alguns dos quais ainda existiam naquela época. Afinal de contas, havia o KAFD na Alemanha, mas a S ou B tinha um total silêncio sobre isso. Enquanto Castoriadis analisava a natureza da burocracia na Rússia, em um nível puramente político, a S ou B só publicou a "Oposição Operária" de Kollontaï como um texto de oposição comunista e, mesmo assim, apenas em uma das últimas edições da S ou B. No entanto, havia muitos outros textos sobre o assunto. No entanto, havia muitas outras correntes, muitos outros textos, muitos outros eventos que a S ou B ignorou ou que Castoriadis nunca citou ou estudou. A história dos Conselhos não começou em 56 com a Hungria. Desse ponto de vista, *o Solidarity* foi muito além. Pouco a pouco, ele voltou à história, mas nunca foi além de Kollontaï, que nunca foi mais do que uma oposição dentro do partido.

Um camarada inglês: Castoriadis disse que os conselhos de Pannekoek, por exemplo, tinham ideias completamente tradicionais do ponto de vista econômico, o que é verdade, mas não podemos esquecer que "Workers' Councils" foi escrito em 1943, durante a guerra.

Simon: Sim, mas em outros aspectos, a contribuição estava longe de ser insignificante e isso não justificava tal silêncio. Não apenas sobre Pannekoek.
Depois, há a questão do empréstimo. Esse também não era um aspecto muito agradável de Castoriadis. Ele tomava muito emprestado (ele teve a oportunidade de ler muito) sem citar fontes. Ele só citava a si mesmo ou a Mothé em seus artigos. Por exemplo, em seus artigos sobre o desenvolvimento do capitalismo, ele pegou muito emprestado de Wright Mills, cujos livros ainda não haviam sido traduzidos. Quando eles foram traduzidos, ele já estava mais distante. Mas nada disso diminui a capacidade de Castoriadis de sintetizar toda uma gama de materiais.

Se pudemos falar de um mito do *Socialismo ou Barbárie*, foi apenas porque algumas das correntes que se desenvolveram depois vieram de pessoas que estiveram na S ou B. Mas, no final, foi assim que aconteceu, porque era o único grupo que existia em relação ao anarquismo tradicional e a todos os grupos marxistas tradicionais. De 1946 a 66-67, não havia praticamente nenhuma outra opção entre os submarinos do PC, os trotskistas ou os grupos anarquistas. Por quase quinze anos, esse foi praticamente o único grupo em que as pessoas podiam entrar, pegar algo novo emprestado e sair depois. Qualquer um podia dizer que era filho de S ou B, mesmo que não fosse. Havia até dois ex-membros do grupo. Houve até mesmo dois ex-ativistas da S ou B que se tornaram CEOs. Mas isso acontece em todos os grupos. Você só precisa esperar um pouco. Para muitos, a pureza revolucionária também é um privilégio da juventude.

Havia algo mais desagradável em S ou B. Havia vários tipos de debates teóricos paralelos, dos quais os pedestres do grupo não eram informados. Os líderes (Lefort, Castoriadis, etc.) discutiam coisas entre si na universidade ou em outro lugar, mas os debates que eles tinham, você só ficava sabendo em um estágio secundário. Eles levantavam questões, aparentemente sem mais nem menos, mas na verdade era porque estavam dando continuidade a uma discussão iniciada em outro lugar. O grupo se tornou uma espécie de campo de testes para suas ideias. Às vezes, você se sentia como um elo no sistema de discussão teórica deles. Quando a OIT foi dissolvida, por volta de 1962, eles tentaram materializar esses debates em um "Cercle Saint-Just". Esse grupo incluía funcionários públicos seniores e tecnocratas. Era uma espécie de dupla entrada: uma articulação com o poder e uma articulação com uma tentativa de elaboração política, às vezes desempenhando esse papel em relação ao poder sem perceber, ao mesmo tempo

em que dava a impressão de estar realizando seu próprio debate. Eu não sabia muito mais do que isso. Não durou muito tempo nessa forma. Mas de vez em quando, em uma crítica ou em outro "seminário", vemos sinais de que esse debate continua entre "intelectuais" e teóricos.

Pergunta: Qual é a sua concepção de organização?

Simon: Essa pergunta surgiu um pouco de passagem na discussão. Estou criticando o conceito de organização conforme expresso por Castoriadis, conforme teorizado pela OIT e conforme vivenciei na OIC. Se você me pedir para elaborar esse conceito com definições ou regras, eu lhe direi que não sei nada sobre isso. Não acho que exista uma fórmula. A prática decide. Ou, pelo menos, existem fórmulas apropriadas dependendo da situação. Todos os princípios que tentamos colocar na frente das organizações não têm significado. Eles só fazem sentido em relação a determinadas realidades. Assim como não podíamos prever Lip ou a greve dos mineiros ingleses em 1972, não podemos prever o que vai acontecer. Pode ser que chegue um momento em que digamos: temos que fazer isso e vamos nos reunir para fazer aquilo, porque de repente as coisas ficarão claras, mas claras não em termos do que tínhamos em nossas cabeças antes, mas em termos do que a situação exige de nós.

Como eu disse antes, o mesmo se aplica à organização e a todo o resto. Você pode dizer o mesmo sobre todas as noções de "projeto revolucionário", "coordenação de lutas" e assim por diante. Os grandes princípios são mais ou menos os mesmos que Liberté, Egalité, Fraternité, nos frontões das prefeituras. Hoje, todos nós estamos mais ou menos experimentando o fato de que todos os conceitos organizacionais dependem da luta, não de nossas ideias, nem de construções rígidas em que tudo está logicamente ligado. Podemos nos reunir para fazer uma certa quantidade de trabalho analisando as lutas e o capitalismo, aprofundando nossas teorias, discutindo e trocando informações. Isso pressupõe uma base política comum mínima (que não existia na OIC), as afinidades necessárias para trabalharmos juntos (isso existia em parte na S ou B, na OIT ou na OIC, assim como no *Solidariedade*), mas também, creio eu, uma concepção comum do papel e da função do grupo nas lutas atuais. Acho que é necessário (não é minha ideia, mas o que corresponde a uma prática) que cada pessoa veja no grupo a satisfação de suas próprias necessidades, por meio da troca com outras pessoas que adotam a mesma abordagem, e que o próprio grupo se defina em pé de igualdade com

outros grupos, principalmente com o que emerge das lutas, quaisquer que sejam suas formas e perspectivas.

Acho que temos de entender que o desejo absoluto de permanência na organização e a reivindicação de totalidade são as marcas de uma hierarquia que define a vanguarda política tradicional e a razão de sua rejeição pelo movimento autônomo de luta.

Todo grupo, todo esforço individual ou coletivo, tende a durar e a enfrentar todos os problemas. Essa é a própria marca da vida (eu diria até mesmo da existência de um projeto revolucionário no sentido que dei a ele). Mas, ao mesmo tempo, todos devem entender que são apenas uma pequena parte de um todo, já no país em que vivem, e ainda mais em escala global. Entender que as atividades de todos os grupos, partidos e sindicatos combinados, inclusive os mais superativistas, não são nada comparadas ao poder de um movimento de luta (veja apenas maio de 68). E tirar as consequências disso para todas as concepções, inclusive aquelas que são agrupadas sob o rótulo de "problemas organizacionais".

Muitos parecem "questionar" muitas coisas. Por uma grande variedade de razões, muitas vezes fora do controle de seus autores, eles deixam de fazê-lo; ou começam a questionar as coisas de forma tendenciosa.

Se me debrucei longamente sobre o passado do *Socialisme ou Barbarie* ou da ICO, se relembrei as atitudes de Castoriadis e tentei especificar os pontos de concordância ou os limites de seu trabalho (que continua sendo uma importante contribuição para a análise do capitalismo moderno), é porque encontramos um pouco de tudo isso nos grupos ou indivíduos que se movimentam no que é tradicionalmente chamado de vanguarda ou de "revolucionários".

Não quero me alongar nesse ponto: basta observar a vida de muitos grupos, as relações de muitos camaradas, para ver que muitas dessas relações hierárquicas persistem em várias formas, desde o pensamento especializado até a destruição de todo pensamento individual, passando pela linguagem esotérica até a afirmação da "competência". Tudo isso é simplesmente a persistência das relações capitalistas, não

importa o quanto os indivíduos tentem escapar delas. E isso é normal: enquanto o capital dominar, suas estruturas dominarão...

A organização da luta revolucionária surgirá da própria luta, quando e onde for necessário. É uma resposta prática a situações práticas por aqueles que são forçados a lutar por sua situação no processo total do capitalismo. Se considerarmos a capacidade dos atores dessa luta de "fazer suas próprias coisas", eles não precisam de ajuda (o que implica uma hierarquia), mas de estabelecer uma relação com todos os outros colocados na mesma condição, na mesma situação, no mesmo plano. E essa relação é tanto a organização revolucionária (não no sentido de uma organização consciente de revolucionários) quanto a construção do novo mundo. Todos podem se envolver nela, onde quer que estejam, em pé de igualdade com todos os outros, no mesmo tipo de organismo que todos construíram com aqueles que os cercam como uma coletividade de algum tipo. (Isso não é fruto da imaginação, basta pensar em maio de 1968, e não tem nada a ver com uma ideologia igualitária ou com a atividade específica de cada coletividade: a relação igualitária é estabelecida precisamente como uma função das necessidades e contribuições dessas coletividades entre si. Essa é a única maneira de alcançar a totalidade, e não a maneira de qualquer grupo - e muito menos qualquer indivíduo - afirmar que alcançou a totalidade).

Isso, que deve ser acima de tudo uma reflexão sobre a prática das lutas, é uma resposta prática. O que chamamos de "atomização da vanguarda" deve ser visto sob esse ângulo de um novo modo de relacionamento que o desenvolvimento da autonomia das lutas traz em todos os campos (autonomia, para mim, que vai do absenteísmo aos grupos de aborto ativo...). Desse ponto de vista, o que estamos vendo (e poderíamos continuar) é um fenômeno positivo em um processo revolucionário que já começou. Cabe ao grupo do qual podemos participar definir seu lugar nesse movimento, em suas relações com os outros, da mesma forma que a prática da luta pode delinear o lugar das organizações de luta.

Por outro lado, há os aspectos negativos - aqueles que Castoriadis descarta quando diz que uma organização "é necessária". Necessária para quem e para quê? De fato, são as "imperfeições" e as deficiências que as tornam "necessárias". Alguns grupos perceberam isso ao postularem seu desaparecimento quando a sociedade comunista

chegar. Mas essa posição geralmente mascara a afirmação hierárquica do caráter "revolucionário" e de vanguarda do grupo ou do indivíduo. Qualquer intervenção em uma luta que não seja a própria é vanguardista. Inevitavelmente. Isso acontece tanto mais quanto mais você se separa de sua própria teoria, linguagem e ação exemplar. É tanto menos assim quando tentamos ser nada mais do que uma coletividade de circunstâncias que contribui, como em uma troca, para outros que apreendem outra parte da realidade e podem precisar, por um momento, da parte dessa realidade que nós mesmos apreendemos.

Obviamente, essas relações são ainda mais fáceis de definir com a mesma prática, e mais difíceis, se não impossíveis, com aqueles que se afastam dela. E, no final, isso depende não apenas de nossa própria vontade, mas da evolução da "consciência", inextricavelmente ligada à evolução da tecnologia, do capitalismo e das lutas que constituem a sociedade mundial moderna.